

EDITORIAL

É com imensa satisfação e desafogo que fechamos o social e politicamente conturbado ano de 2022 com a publicação do número 60 da *Vivência, Revista de Antropologia* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Depois de quatro anos de enfrentamento institucional e de resistência acadêmica, as universidades públicas brasileiras, em particular as federais, comprovam seu histórico protagonismo e pujança na produção intelectual e científica no país. É preciso enaltecer a garantia de autonomia universitária, que deu condições efetivas a esse enfrentamento institucional, apesar das tentativas de desmonte político-administrativo, dos sucessivos cortes orçamentários que colocaram em risco a manutenção de suas atividades, sem contar a insegurança gerada pelo bloqueio de recursos do Ministério da Educação, que afetaria o pagamento de bolsas de estudo e pesquisa de pós-graduação, último evento nefasto, no início de dezembro, o qual seria devastador para o sistema de pós-graduação, mas felizmente não foi bem-sucedido devido à forte pressão articulada da sociedade civil e das suas associações. Toda esta política de insegurança institucional e sucateamento das universidades públicas federais caracterizou o governo de Jair Bolsonaro, que felizmente se encerra agora com a decisão do voto popular nas eleições ocorridas em outubro do ano corrente.

Do mesmo modo, precisamos lembrar que tivemos a realização da avaliação quadrienal de 2017/2020, também afetada por variadas vicissitudes, atrasos e mudanças no processo avaliativo exigidas pela CAPES, o que levou muitos programas de pós-graduação a redefinirem suas estratégias a fim de garantirem uma boa conceituação. Como um balanço positivo, o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRN manteve seu conceito 5 e a revista *Vivência* alcançou uma boa qualificação no Qualis Periódicos (A2). Portanto, a publicação regular do número 60 mostra o empenho de sua Comissão Editorial para a continuidade de um projeto de qualidade da revista, complementando a boa avaliação de nosso programa.

Neste número, estamos continuando com nossa proposta editorial, oferecendo ao público leitor um novo dossiê e também cinco artigos recebidos em fluxo contínuo. Além deles, temos a publicação de uma resenha, um ensaio fotográfico e duas traduções.

O dossiê “40 anos da epidemia do HIV/aids: continuidades, transformações e dilemas nas respostas e enfrentamentos de um evento crítico global” foi organizado por Carlos Guilherme do Valle (UFRN) e Susana Margulies (Universidad de Buenos Aires, UBA) e está composto por seis artigos e um depoimento. Assim, contém os artigos de Agostina Aixa Gagliolo e Susana Margulies (Entre el control y la incertidumbre: la producción cotidiana de la indetectabilidad); de Carlos Guilherme do Valle e Fernando Joaquim da Silva Junior (Administrando a “revolução”:

Formando o debate público sobre a profilaxia pré-exposição – PrEP – no Brasil); de Wertton Matias, Mónica Franch e Luziana Silva (Entre o medo e a ética da vida: A chegada da PrEP ao serviço público de saúde de João Pessoa, na Paraíba); de Tiago Duque e Fernando Seffner (A epistemologia do segundo armário: canais de gays HIV+ no youtube como artefatos pedagógicos); de Lucas Pereira de Melo (“A minha vida foi uma diáspora da aids”: memória, testemunho e a experiência de ser mulher e viver com HIV/aids); o depoimento de Ramon Nunes Mello (Vírus, política e linguagem: meus aprendizados em 10 anos vivendo com HIV) e três de seus poemas; o artigo de Kris Herik de Oliveira (“Uma abordagem promissora”: os transplantes de células-tronco para a cura do HIV). Todos os artigos e o depoimento com poemas mostram trabalhos e produções ou mesmo experiências que partem de uma pandemia que assolou o mundo inteiro de modo bastante complexo, heterogêneo e multifacetado, tal como captamos na leitura da apresentação do dossiê, escrita por Carlos Guilherme do Valle e Susana Margulies. Desse modo, o dossiê expõe os efeitos sociais criados pelo HIV/aids, por meio das tecnologias biomédicas, e também os modos singulares de produção de experiências, testemunhos e subjetividades. São textos que indicam a dimensão biossocial da aids, e apontam como a diferenciação entre natureza e cultura não se processa de modo absoluto e definitivo.

No caso dos artigos recebidos livremente por meio do fluxo contínuo de trabalhos pela revista, temos uma variedade de temas que acabaram reunidos em razão de sua recepção, mas cuja organização resulta de um esforço articulador da Comissão Editorial. No caso do artigo do antropólogo norte-americano Eric Plemons, intitulado “Gênero, etnicidade e incorporação transgênero: interrogando formas de classificação na cirurgia de feminização facial”, o autor trata também de tecnologias biomédicas, tal como artigos do dossiê, mas aqui envolvendo cirurgias voltadas a criar rostos mais femininos em mulheres transgênero. Plemons observa como os processos cirúrgicos partem de visões de etnicidade e raça que acabam por ter efeito na diferenciação entre feminilidade e masculinidade, mas também reproduzem padrões de embranquecimento, apesar da contrariedade da cliente ou paciente.

O artigo de Raquel Bastos, Rodrigo Toniol e Pedro Paulo Pereira, “Bildung nos fluxos da materialidade da terapia artística antroposófica”, aborda a ciência formulada pelo suíço Rudolf Steiner, a Antroposofia. Para tanto, os autores partem de uma etnografia que empreenderam em uma Clínica Antroposófica, em São Paulo (SP). No local, a terapia artística é uma proposta implementada de caráter neorromântico, que vem ganhando popularidade no Brasil.

Em coautoria, Carlos Eduardo Collins e Sandro José da Silva assinam o artigo “A Comissão Nacional da Verdade após dez anos e as minorias étnicas: produção da ‘verdade’, dos sujeitos e a resistência indígena”. O objetivo do texto é refletir sobre as consequências da referida Comissão

no caso dos povos indígenas. Pretendem discutir sobre a conformação e a produção de discursos estatais que acabam por ressaltar a ideia de “integração nacional”, paralelamente à proposta de reparação. Assim, consideram igualmente os diferentes posicionamentos sobre o debate por parte de agentes variados entre si, tais como os acadêmicos e a sociedade civil.

O artigo “Sertão sentido: o correr da vida em uma comunidade barranqueira no Norte de Minas Gerais”, escrito por Andrea Rocha de Paula e Adinei Crisóstomo, aborda o cotidiano de uma comunidade tradicional a partir de suas práticas, valores e símbolos. Por meio dessa discussão, os autores exploram a atribuição de identidades que se produzem a partir de situações e contextos de pertencimento social.

No caso do artigo “A resistência à gastronomização das cozinhas: um estudo nos bares do centro de Natal/RN”, as autoras, Thágila Oliveira e Julie Cavnac, procuram entender o processo de gastronomização de bares e restaurantes da cidade após uma contínua turistificação. Com isso, vem emergindo a ideia de “culinária potiguar”. Por seu turno, essa cozinha “hegemônica” tem sido alvo de práticas de resistência por meio da busca por um cardápio popular, o que gera efeitos igualmente na produção de identidades locais.

Temos, em seguida, uma resenha acadêmica do livro *Ativismo patrocinado pelo Estado: burocratas e movimentos sociais no Brasil democrático*, da norte-americana Jéssia A. J. Rich, elaborado por Maio Farias. Dialogando com o tema principal do dossiê presente neste número da *Vivência*, a resenha aborda as relações complexas envolvendo o Estado brasileiro com suas políticas públicas de aids e a sociedade civil, em particular as organizações e instituições ativistas e do movimento social.

Na sessão de ensaios fotográficos, temos “Isso aqui é pros meus netos, pois na hora que eu morrer é pra levar!: um ensaio visual sobre a devolução de fotografias em campo”. Sua autora, Ana Clara dos Santos, reflete o tema da devolução e do compartilhamento de dados da pesquisa a partir de uma experiência etnográfica sobre envelhecimento no interior do Brasil. Assim, aborda as trocas de fotografias como estratégias de devolução aos interlocutores de sua pesquisa.

O atual número da *Vivência, Revista de Antropologia* da UFRN, se encerra com duas traduções. A primeira delas é “A política dos antropólogos: uma história francesa”, artigo originalmente em francês, escrito por Didier Fassin. O antropólogo francês reconstitui e discute as questões legadas pela antropologia da política que foi produzida na França a partir de meados do século XX, tratando da influência de autores como Georges Balandier, Marc Augé e Marc Abélès. Trata-se de um balanço recente da produção antropológica francesa sobre as dinâmicas e fenômenos da política. No caso da tradução do artigo “A teoria mimética: principais conceitos de uma antropologia morfogenética”, escrito por Ludovic Aubin, temos a discussão da proposta teórica de René Girard,

cuja obra mostra sua trajetória peculiar e interdisciplinar entre estudos literários e antropologia. Aubin explora questões desenvolvidas por Girard, sobretudo a partir da ideia de mimesis. Portanto, os textos de Didier Fassin e Ludovic Aubin possibilitam ao leitor ampliar seu conhecimento da tradição antropológica francesa.

Com todos estes artigos e textos, esperamos que nossa revista tenha uma boa receptividade e confirme, assim, sua proposta de ampla difusão acadêmico-científica. Boa leitura!

Carlos Guilherme do Valle

Juliana Gonçalves Melo

Julie Antoinette Cavignac